

O tratamento da mídia sobre o sujeito Down: o caso “VEJA”

Lucas R. Barbosa¹, Pollyana C. P. Santos², Marian Oliveira³, Vera Pacheco⁴.

1. Estudante de IC do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; *lucas.ramosbarbosa@gmail.com
2. Estudante de IC do curso de Medicina da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB;
3. Pesquisadora do Depto. de Estudos Linguísticos e Literários, UESB;
4. Pesquisadora do Depto. de Estudos Linguísticos e Literários, UESB.

Palavras Chave: *jornalismo, síndrome de Down, Veja.*

Introdução

Em 1862, John Langdom Down descreveu, pela primeira vez, a síndrome de Down como uma aberração cromossômica geneticamente determinada e em 1958 uma cópia do cromossomo extra foi descoberta pelo francês Jérôme Lejeune. Desde então, a literatura especializada continua a reproduzir o arquétipo primário de Down.

Ao longo do tempo, esse paradigma vem sendo reproduzido através do tratamento que a mídia oferece em suas plataformas de comunicação.

Por isso, o objetivo desse trabalho é apresentar um levantamento quantitativo e qualitativo de reportagens veiculadas pela Revista Veja e que abordaram o tema síndrome de Down, da década de 1970 aos dias atuais, a fim de avaliar, a partir do levantamento de marcas linguísticas, a evolução do tratamento da mídia sobre a síndrome de Down e, conseqüentemente, da pessoa por detrás da síndrome.

Resultados e Discussão

Para cumprir o objetivo proposto, realizamos: a) levantamento quantitativo de números de Veja os quais abordaram o tema “síndrome de Down”; b) catalogação e digitalização de todas as matérias encontradas no período histórico estabelecido (1970-2015); c) levantamento dos títulos e matérias sobre síndrome de Down publicadas nas revistas; d) catalogação das marcas linguísticas utilizadas para abordar o tema.

De 1970 a 1980 nenhum número de Veja abordou o tema síndrome de Down ou qualquer assunto correlato; o tema passa a ter visibilidade nessa revista a partir de 1984. Os resultados a que chegamos podem ser assim sumarizados: a) em 1984, a edição nº 839 publica a matéria “Perigo medido - Teste americano avalia risco de mongolismo”, por José Roberto Guzzo (Diretor de Redação). As marcas linguísticas recorrentes nessa matéria são **risco de mongolismo, anomalia congênita, síndrome de Down, bebês defeituosos, crianças com problemas, anormalidade**. b) a edição nº 993, de 1987, traz o seguinte título “Choque com a vida - O árduo e comovente aprendizado de pais que vêem nascer um filho anormal”, por José Roberto Guzzo (Diretor de Redação). As marcas linguísticas que se destacam são **filho anormal, mongolismo, portadora da síndrome de Down, vítima da síndrome de Down, deficiência física e mental, bebê excepcional, anomalias, fardo insuportável, malformação, anormalidade no feto, imperfeição, filho deficiente, criança deficiente, “estação no inferno”, elemento terrível, criança diferente, crianças imperfeitas, deformidade, crianças**

defeituosas, mongolóide, retardamento mental, anomalia congênita, crianças malformadas, aberração cromossômica; c) em tom mais leve, a Edição nº1588, ano de 1999, aborda “Os novos colegas - Pais de crianças especiais transferem os filhos para colégios normais”, por Alexandre Secco, as palavras mais utilizadas são: **crianças especiais, portador da síndrome**; A partir de 2000, podemos citar duas edições: i) a de nº 1994, ano de 2007, cujo título é “Down na terceira idade: as pessoas com a síndrome estão vivendo mais. Quem vai cuidar desses velhinhos?”, por Duda Teixeira, que utiliza, entre outros termos, **pessoas com síndrome de Down, brasileiros com Down, filho com Down, indivíduo com síndrome de Down, deficiência mental**; e ii) a Edição nº2293, ano de 2012, “Vidas repaginadas - Pais de jovens portadores de síndromes genéticas, como a de Down, permitem que eles façam plásticas. Acreditam que as cirurgias podem melhorar a vida de seus filhos e não significam rejeição”, por Mariana Amaro que organiza seu texto em torno de termos como **portadores de síndrome genética, jovens com Down, crianças com Down, filhos especiais**.

Conclusões

Pela análise das marcas linguísticas das matérias aqui apresentadas, apesar de, aparentemente, parecer haver uma mudança de paradigma em torno da síndrome e, conseqüentemente, da pessoa com Down, a se notar pelos termos utilizados nas diferentes matérias que cobrem o período de 1980 a 2000, um paradigma, pelo menos, ainda se mantém – o da anormalidade e de fardo – prova disso é o uso de termos como **anormal** e correlatos em todas as matérias analisadas, mesmo quando a palavra e/ou expressão utilizada tenta mascarar esse efeito de sentido como ocorre nas matérias de 1999, 2007 e 2012.

Agradecimentos

À UESB pelo incentivo à pesquisa;
Ao Núcleo Saber Down por desenvolver atividades de pesquisa e extensão que tanto contribuem para a melhoria da qualidade de vida do cidadão com Down

Revista VEJA nº839 - ano de 1984, nº993 – ano de 1987, nº1588 – ano de 1999, nº1994 - ano de 2007, nº 2293 – ano de 2012.